

Artigos teóricos

Produzindo *outros* de nós: NEPBIO e práticas de educação ambiental, permacultura e bioconstrução

Producing 'other' versions of ourselves: NEPBIO and practices of environmental education, permaculture, and bioconstruction

Mike Santafé Zambrano^{1*} , Maritza Maciel Castrillon Maldonado²

¹Universidad Nacional de Colombia (UNAL), Departamento de Lingüística, Bogotá, D.C., Colombia

²Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem, Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU), Cáceres, MT, Brasil

COMO CITAR: SANTAFÉ ZAMBRANO, M.; MALDONADO, M. M. C. Produzindo *outros* de nós: NEPBIO e práticas de educação ambiental, permacultura e bioconstrução. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, spe 3, e19501, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.1950101>

Resumo

Objetiva-se, neste artigo, pensar a Educação Ambiental como estética de existência vivenciada no Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres (NEPBIO), que constitui os sujeitos que por ali transitam e participam de suas oficinas. Problematisa-se: como as práticas discursivas e não discursivas se movimentam em uma instituição de *governamento de si e dos outros*, em relação à Educação Ambiental, e produzem *estéticas outras de existência*, que vão na contramão do projeto capitalístico de sociedade? A cartografia foi a inspiração metodológica da pesquisa, e as análises foram ancoradas pelos estudos arqueogenealógicos desenvolvidos pelo filósofo francês Michel Foucault, especialmente em relação à governamentalidade. Conclui-se que as práticas de Educação Ambiental do NEPBIO podem ser concebidas como estéticas de existências *outras*, em relação àquela requerida pelo modelo de produção capitalístico, agenciando outros “modos de ser sujeito” e outras “maneiras de viver”: *estéticas outras de existência*.

Palavras-chave: educação ambiental; governamentalidade; cartografia.

Abstract

In this article, we aim to think about Environmental Education as an aesthetic of existence experienced at NEPBIO - *Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres* (Cáceres Experimental Center for Permaculture and Bioconstruction) -, which constitutes the subjects who pass through it and participate in its workshops. The problem is: how do discursive and non-discursive practices move in an institution for the governance of oneself and others, in relation to Environmental Education, and produce aesthetics of 'other' existences, which go against the capitalist project of society? Cartography was the methodological inspiration for the research and the analyses were grounded in the archaeo-genealogical studies developed by French philosopher Michel Foucault, especially in relation to governance. The conclusion is that NEPBIO's Environmental Education practices can be conceived as aesthetics of 'other' existences, in relation to those required by the capitalist production model, creating other “ways of being a subject” and other “forms of living”: other aesthetics of existence.

Keywords: environmental education; governance; cartography.

***Autor correspondente:**

msantafez@unal.edu.co;
maritza@unemat.br

Submetido: Julho 15, 2024

Revisado: Agosto 16, 2024

Aprovado: Setembro 24, 2024

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (bolsa de mestrado).

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética:

Aprovado pelo Comitê de Ética da UNEMAT, Parecer nº 3.777.140.

Disponibilidade de dados: Nada a declarar.

Trabalho realizado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, MT, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

*Salgamos de la gran ciudad¹, ven conmigo;
levantemos una comunidad cerca del río;
hagamos algo para que cambie nuestro destino;
ser libre y proponte encontrar el camino (Zona Ganjah).*

Com o intuito de pensar a nós mesmos e aos outros, no exercício de uma “ética ambiental” nas/das/com as práticas cotidianas pessoais e sociais, esta pesquisa foi desenvolvida entre 2019 e 2021 no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), sede Cáceres (MT), graças ao acordo de cooperação acadêmica, parceria de extensão e internacionalização acadêmica com a Universidad Nacional de Colombia (UNAL).

Dispusemo-nos a: *encontros* que provocaram *outros*² de nós (devires); *afetos* que forçaram nossos corpos e nossos pensamentos a tornarem **outras** nossas práticas discursivas e não discursivas. Perguntávamo-nos como seria possível ter uma “[...] experiência modificadora de si mesmo no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação” (Foucault, 1984, p. 13).

Nesse contexto, a perspectiva pós-estruturalista possibilitou-nos conceber que somos e estamos, nós e outros, permanente e heterogeneamente existindo *nas/das/com as* multiplicidades ambientais. Somos constituídos ao mesmo tempo que vamos constituindo redes sistêmicas *nos/dos/com espaçotempos*³ onde, quando e como somos e estamos existindo. Somos constituídos com formas e modos passíveis de serem formas e modos *outros* de existência. Formações e mudanças. Atualizações. Potencializados *nos/com os* encontros, vamos tecendo estéticas de existência.

A partir do conceito *estética da existência*, criado pelo filósofo Michel Foucault (2006), neste artigo, problematizamos processos de ser do sujeito. Ele, professor francês, pensa/problematiza as formações e mudanças dos “modos de ser sujeito” e “maneiras de viver”, tratando de campos éticos e estéticos que produzem *estéticas de existência*. Com essa inspiração, objetivamos, na pesquisa, pensar/problematizar a Educação Ambiental (Maldonado, 2001) como estética de existência vivenciada no Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução (NEPBIO), que constitui os sujeitos que por ali transitam e participam de suas *oficinas*.

Exercitamos a prática de pensar/problematizar, realizando um exercício de composição cartográfica. Mapeamos as práticas experienciadas no NEPBIO, identificando-as com o conceito de Educação Ambiental e, em seguida, analisando como essas práticas reverberam nas vidas dos estudantes que transitam nas oficinas ali oferecidas.

Questionamos na pesquisa: é possível produzir uma *estética da existência* outra, que rompa com os padrões requeridos pela estética capitalística (do consumo exacerbado e do descarte impensado)? Compreendemos que a produção de subjetividade capitalística tem como propósito eliminar os processos de singularização, neutralizando pensamentos e agires *outros*, pois...

Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referênciação. Não somente os professores, mas também os meios de comunicação de massa [...] são muito dotados para esse tipo de prática (Guattari; Rolnik, 2013, p. 52).

Realizamos, então, o exercício de pensar/problematizar como as práticas discursivas e não discursivas do NEPBIO acontecem em uma instituição de *governo de si e dos outros*,

¹ Santafé de Bogotá Distrito Capital, Colômbia.

² Pensamos a noção de *outro* como imagens materiais e virtuais.

³ Entendendo-a como unidade indissociável, utilizamos a forma gramatical “*espaçotempos*”, com base nos estudos *nos/dos/com os cotidianos*, liderados pela professora Nilda Alves (2000). Dessa forma, consegue-se explodir com binarismos/dicotomias/polaridades herdados da modernidade.

em relação à Educação Ambiental, e produzem uma *estética outra de existência*, que vai na contramão do projeto capitalístico de sociedade.

Para o alcance do objetivo, utilizamos peças do arsenal de ferramentas disponibilizado por Michel Foucault. No que se refere ao modo como Foucault opera com o tema da produção do sujeito, Fischer identifica dois conceitos fundamentais: a estética como enfrentamento do poder e a genealogia crítica como intervenção, respaldando a relação de saber-poder, indispensável nos estudos foucaultianos. A autora faz menção

[...] aos modos de tratar o tema da produção do sujeito, à categoria da estética como enfrentamento do poder e à opção por uma história genealógica e crítica, como forma de intervenção nas redes discursivas e de saber (Fischer, 2012, p. 12).

As *práticas discursivas e não discursivas* experienciadas no *espaçotempo* do NEPBIO E as/os estudantes do segundo semestre do curso de Biologia da UNEMAT foram os *intercessores*⁴ da pesquisa.

Os professores Gilles Deleuze⁵ e Felix Guattari⁶ afirmaram que:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (Deleuze; Guattari, 1992, p. 156).

Realizamos a pesquisa seguindo dois caminhos metodológicos: a cartografia e a arqueogenealogia.

A **cartografia** foi utilizada para compor os encontros dos estudantes do curso de Biologia da UNEMAT com a estética de existência do NEPBIO e suas práticas discursivas e não discursivas. Segundo a obra filosófica do professor Gilles Deleuze (1995), uma pesquisa que se pretende cartográfica requer *agenciamentos*. Agenciar é “estar no meio” e abrir-se aos encontros, afetos, devires⁷.

O segundo foi a realização de um exercício **arqueogenealógico**, demonstrando como estéticas de existências *outras* são praticadas naquele *espaçotempo* e como podem ser concebidas como *práticas de governo de si e de outros*. Apresentamos, a seguir, a metodologia da pesquisa, os intercessores principais e os resultados alcançados.

Narramos, descrevemos, analisamos os encontros no/do/com o *espaçotempo* do NEPBIO que, defendemos, constituem *estéticas de existências outras*, ou seja, se constituem em práticas de Educação Ambiental que produzem subjetividade. Concebemos aquele *espaçotempo* como uma instituição de *governo*, que produz *estéticas outras de existência*, diferenciadas daquela requerida pelo modo de produção de subjetividade capitalístico.

Caminhos da pesquisa

Inspirados nos estudos pós-estruturalistas e com o rigor científico de pesquisadores participantes de uma pesquisa qualitativa, dispostos a afetos nos/dos/com os acontecimentos, recuperamos fragmentos dos resultados da pesquisa neste artigo, escrito em forma de agenciamento. Apresentamos encontros que reverberaram em nossa estética da existência, com a intenção de potencializar e causar outros agenciamentos no campo educacional (Maldonado, 2017).

⁴ Estudantes, permacultores, professores, etc.

⁵ Professor e filósofo francês. Sua obra compõe o campo da Filosofia da Diferença, no Brasil.

⁶ Psicanalista francês. Desenvolveu trabalhos filosóficos junto ao filósofo Deleuze.

⁷ Acontecendo afetos, potências e forças, possíveis como modos de ser e maneiras de viver.

A concepção cartográfica possibilita tecer a pesquisa sem regras fixas preestabelecidas, pois age por mapas. “Mapas que se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem” (Deleuze, 1997, p. 75). Mapas permeados por encontros e afetos.

Compreendemos os modos de ser e maneiras de viver como estéticas de existência resultantes de encontros. Trata-se de estéticas vivas, estéticas móveis. Apostamos que existências *outras* são possíveis. Circunstâncias, fatores e atores sociais, políticos e econômicos condicionam-nos. Práticas discursivas e não discursivas condicionam-nos. Porém, há possibilidade de fuga dos condicionamentos, como a pesquisa no NEPBIO comprova.

Todas essas e *outras* formações e/ou modos de existência – heterogêneas, múltiplas, diferentes e diversas, sistêmicas, *rizomáticas* – são abordadas pelo professor Foucault como tema dos discursos (Foucault 1970) e da verdade, com o que ele cria o conceito *estética da existência* (Foucault, 2006). É possível compreender *estética da existência* como formações e mudanças de modos de existência, como “[...] fazer de si um outro para si mesmo” (Fischer, 2012, p. 12). Inspirados em Foucault, desenvolvemos o conceito *estéticas de existência* a partir de sua emergência conceitual e da relação com a noção de práticas discursivas e não discursivas e pensamos a Educação Ambiental a partir do NEPBIO.

Assim, pensando com Foucault sobre modos de ser sujeito e maneiras de viver, analisamos as relações que ele considera como o problema entre “sujeito” e “verdade”. Foucault ensina-nos que essas relações remetem ao conceito grego *epiméleia heautoû*, caracterizado, entendido como “cuidado de si”.

Viajamos historicamente com os jogos da linguagem. Analisando ditos e escritos, Foucault remete ao antigo texto grego, escrito por Platão, do Alcibiades, onde encontra a origem do conceito “cuidado de si”. Descrevendo condições que possibilitaram aquela emergência conceitual, Foucault analisa como aquele conceito está relacionado com o conceito *gnôthi seautón*, correspondente à prescrição délfica “conhecer-se a si mesmo”.

Uma coisa é “conhecer-se a si mesmo”, e outra, segundo o texto de Platão, é Sócrates falar para alguém que tem que conhecer a si mesmo: conhece-te a ti mesmo! Assim, mostram-se as pretensões de conduzir a vida de outros. Bem, Foucault alude às pretensões do Alcibiades de governar os outros. Nesse sentido, estamos atentos a formações discursivas relacionadas com a noção de *governar*.

Dessa maneira, elaboramos um mapa outro, pensando/problematizando o NEPBIO como constituído e constituidor de práticas discursivas e não discursivas, nas/das/com as relações de poder. O NEPBIO é, pois, pensado/problematizado como prática de *governo* para a constituição de uma estética outra de existência, com vistas a uma vida bonita.

Trata-se de problematizar como “[...] um indivíduo, então, aceita certas maneiras de comportar-se e determinados valores porque decide e quer realizar em sua vida a beleza que eles propõem” (Castro, 2009, p. 150). Isso implica pensar “modos de sujeição” e “maneiras de viver” como formações discursivas de enunciados, acontecimentos, processos de objetivações e subjetivações.

Acompanhando essa analítica arqueogenealógica da teoria discursiva foucaultiana sobre a relação sujeito e verdade, após o período grego platônico, é possível analisar como essa relação se transforma durante o que ele considera como “momento cartesiano”. Lá, a noção “cuidado de si” tornou-se outra; teve uma mudança radical. Sob uma perspectiva transcendentalista, própria desse momento cartesiano, o sujeito deve tornar-se outro para o “acesso à verdade”, particularmente, para poder “ser iluminado com a verdade”.

Continuando as análises a partir de viagens históricas dos deslocamentos conceituais da noção “cuidado de si”, dessas relações “sujeito” e “verdade”, vamos ao encontro com Espinosa e Nietzsche para, felizmente potencializados, entender que as verdades são deste mundo; que as verdades são neste/deste/com este planeta: Terra. São imanentes. Sendo imanentes *formas e formações de ser sujeito e maneiras e mudanças dos modos de viver*.

Nesse sentido, problematizamos, segundo a teoria discursiva de Foucault, práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental do NEPBIO como *estética outra de existência*. Da “caixa de ferramentas” de Foucault, utilizamos sua *teoria das práticas discursivas* (Fischer, 2012).

Mas o que quer uma teoria das práticas discursivas? Tão só descrever acontecimentos discursivos. E isso não é pouco. Trata-se de flutuar no limite das coisas e das palavras, como escreve Foucault a respeito dos livros de Deleuze — justamente porque o acontecimento não se reduziria jamais a um estado de coisas, funcionando como o referente de algo que foi dito e cuja veracidade ou falsidade buscaríamos investigar (Fischer, 2012, p. 25).

Assim, propusemo-nos, na pesquisa, a cartografar, problematizando, descrevendo e comentando práticas discursivas e não discursivas que movimentaram os encontros.

Lendo estudos de perspectiva pós-estruturalista, encontramos as inspirações teórico-metodológicas da teoria discursiva de Michel Foucault. Sobre essa obra teórica, a professora Rosa Maria Bueno Fischer (2012, p. 106) diz:

Para Foucault, descrever práticas discursivas e não discursivas, em torno de um objeto ou tema, tem a ver com um trabalho dedicado e pormenorizado de investigar e expor aqueles espaços não óbvios, aqueles vazios (ou seja, aquilo que fica para além do óbvio, do já dito, do já sobrejamente conhecido e nomeado) que se localizam em torno de nossos objetos, aquilo que, em certa época histórica, está virtualmente posto para que tais e tais objetivações ocorram.

As *objetivações* ocorrem como processos de *governamento* (conceitos foucaultianos). É a partir delas que nos constituímos os “sujeitos” que somos, ou seja, a partir de modos de objetivação, somos *subjetivados*. Vimos, a partir dos estudos de Deleuze, que o processo de constituição do sujeito, mediado pelo pensamento, acontece com imagens: com clichês (Guéron, 2011) como esquema sensório-motor nas/das/com as imagens do pensamento, cristalizando-as e normalizando-as, tornando-as “naturais”. Por tal motivo, seguindo o pensamento de Deleuze, é preciso romper com os clichês para potencializar o pensamento, o corpo, modos de ser e maneiras de viver.

O encontro com o NEPBIO

Pensando o que fazer com umas garrafinhas de vidro descartadas que tínhamos em casa, uma amiga fez a sugestão de levá-las à Casa de Cupim. Recém chegamos ao local indicado por ela, no município de Cáceres (MT), e fomos recebidos pelas/os quatro permacultores do NEPBIO: o casal Suely e Sandro, e o filho deles, Diego, com sua companheira, Josiane.

Enquanto todos nos cumprimentávamos, vi⁸ de longe que, na parte interna, havia uma construção diferente, chamativa, de cor amarela, bonita, tipo uma casinha. Também observei que, no portão principal do local, tinha uma placa, tipo um pôster, com nome e logo, o que me levou a perceber que se tratava de um projeto formal e institucionalizado.

Elas e eles disseram que poderíamos deixar todo o material que tínhamos levado a um lado do portão, na parte externa, junto ao monte de outros materiais que já estavam lá, ao ar livre; era como se fosse a bodega de recepção dos materiais.

Observando tudo atentamente, detalhadamente, demoradamente, fui relacionando o conceito de Bioconstrução, termo do nome do projeto, pensando que nesse local faziam algum artesanato (simples) com o material reciclado. No entanto, e com maior incerteza, o significado do outro termo no nome do projeto era uma incógnita: Permacultura. Para os permacultores do NEPBIO, como bem expressou Sandro ao começar a conversa conosco e apresentar o projeto, Permacultura (Mollison; Holmgren, 1983), mais do que conceito, é um conjunto de princípios sobre os quais está fundamentado e age o NEPBIO.

Naquele dia do meu encontro com o NEPBIO, depois de nos apresentarmos, os permacultores convidaram-nos entrar. Após passar o portão, seguindo os permacultores, fui observando com

⁸ Narrativa na primeira pessoa do singular, indicando os encontros do pesquisador colombiano com o NEPBIO.

maiores detalhes a casa, que se encontrava na direção para onde estávamos caminhando. Fez-me pensar naquela casa de doces do conto que eu conhecia, da minha infância, como Hansel e Gretel, mas que aqui no Brasil se conhece como a do conto de Joãozinho e Maria; também me fez lembrar a casa dos “Picapedra”, na Colômbia, ou “Flintstones”, no Brasil.

A casa se destacava! A cada passo que eu dava, aproximando-me dela, percebia que cada vez era maior. Acho que no começo a vi pequena, pois ao redor dela havia umas grandes árvores, e a imensidade do céu se percebe sem maiores obstruções.

A parede frontal da casa tinha uma porta, que se via pequena pela magnitude da parede. Já estando bem próximo da casa, diante dela, tive a impressão de ser bem mais robusta. A forma era retangular, mas as paredes não tinham a simetria de linhas retas. Não eram planas. Era como se a casa fosse construída de grandes rochas de diferentes tamanhos.

A porta da casa já estava aberta, mas não dava para ver bem a parte interna, pois se encontrava obscura pela radiante iluminação de fora. A porta também tinha uma forma diferente das retangulares tradicionais. Feita de vários pedaços de madeira, tinha dois de seus lados retos, aquele onde tem as dobradiças e aquele debaixo, contra o chão; os outros dois tinham formas variadas. Uma vez parado na porta, comecei a apreciar com maior atenção cada detalhe.

Como intercessores principais no/do NEPBIO, as/os permacultores destacam a obra dos australianos Bill Mollison e David Holmgren, referidos como os autores desse fundamental conceito que movimenta suas práticas: Permacultura. Foi a partir desse texto que, pela indicação e sugestão dos permacultores, estabeleci conexões conceituais da Permacultura.

As narrativas no/do/com o NEPBIO tornam-se coloridas, ainda mais, quando observamos o desenho da Flor da Permacultura, ilustrada também em um pôster que os permacultores penduram em um prego, em um tripé feito de bambu ou em um cantinho de alguma bioconstrução, sendo especificamente exposto, seja dentro ou fora de casa, aos *visitantes participantes*. No desenho da Flor, sobressai uma flecha vermelha em forma circular centrípeta, que emerge do centro da flor, onde estão conectadas as pétalas, e que faz referência também ao conceito do “*cíclico*” (Figura 1).

As narrativas no/do/com o NEPBIO tornam-se coloridas também quando ouvimos as gestoras e permacultores contarem que cada uma das sete pétalas, cada uma de cor específica, é um dos sete Princípios Éticos da Permacultura.

Educação ambiental: práticas discursivas e não discursivas do NEPBIO

Pensando as formações discursivas como *regimes de verdade*⁹, elogiamos¹⁰ acontecimentos discursivos, práticas discursivas e não discursivas na/da/com a *estética da existência NEPBIO*, a partir de nossas experiências, dos perceptos e afetos, das narrativas das/dos permacultores e das demais artes que convergem no NEPBIO.

Os permacultores do NEPBIO, no primeiro encontro com os estudantes do curso de Biologia da UNEMAT, que participaram da oficina, iniciaram contando sua história. Contaram como romperam com o círculo de vida na cidade, com todo conforto e segurança que o trabalho assalariado oferece, e foram desbravar outro modo de existência, construindo o que hoje se intitula Núcleo de Permacultura e Bioconstrução - NEPBIO.

Cada detalhe foi produzido pela família, tendo como fonte de inspiração os Sete Princípios da Flor da Permacultura: cuidar das pessoas, cuidar da terra, partilhar o excedente, espaço construído, cultura e educação, ferramentas e tecnologia, manejo da terra e da natureza. Esses princípios são expostos a todos os visitantes que lá chegam.

Em uma das várias oficinas acompanhadas no decorrer da pesquisa, ouvimos o Sr. Sandro, permacultor, perguntar se os participantes cuidavam si mesmos, das águas que bebiam, do lixo que produziam e, específica e enfaticamente, mirando nos olhos dos visitantes, questionar: “Você... Você cuida de sua merda?” – pergunta que geralmente faz as pessoas esboçarem um riso,

⁹ Entendendo-se como *formações discursivas* que acontecem constituindo modos de ser e maneiras de viver (Foucault, 1914b).

¹⁰ Usa-se o termo “elogio” no sentido de “mostrar”, apontado no livro *Elogio da Escola* (Larrosa, 2017).



Figura 1. A Flor da Permacultura. Fonte: Acervo do autor, 2020.

passível de ser pensado como riso nervoso, mas o importante é o caráter interpelador dessa/com essa narrativa. Também com tom e postura desafiadores, o permacultor pergunta diretamente para alguns e para o coletivo: “Você, você, você... Vocês sabem de onde vem a água que bebem?”

Todos os participantes das oficinas inteiram-se das práticas discursivas que compõem o ideário do NEPBIO. Entretanto, o que impacta os visitantes são as práticas não discursivas – as práticas de educação ambiental vividas, experienciadas, exploradas cotidianamente, nos 365 dias do ano. As casas bioconstruídas na Ecovila são ambientalmente arquitetadas. O calor da cidade de Cáceres é intenso, e é possível sentir um frescor ao entrar nas casas bioconstruídas – Casa de Cupim e Casa Banbuda são exemplos.

Os detalhes de cada canto dessas casas valem uma pausa: é possível encontrar todo tipo de material de demolição ali, mas o que mais encanta são os vitrais, que iluminam as casas em tons diferenciados. São garrafas de vidro de vários tipos e cores, que um dia trouxeram a alegria de alguns com seus líquidos e foram descartadas. Os olhares artísticos dos bioconstrutores alteram seus usos, e mosaicos são montados para compor os ambientes.

A bacia de Evapotranspiração (BET) e o círculo de bananeiras faz com que o visitante, participante das oficinas, acompanhe o processo de consumo e descarte consciente. Como sistema de tratamento das águas obscuras, o NEPBIO aplica a técnica da Bacia de Evapotranspiração (BET), que utiliza organismos biológicos, operando um processo de redução da biomassa e evapotranspiração da água para a atmosfera. Consiste em um sistema que retém o produto microbiológico, e a água é devolvida à atmosfera em forma de vapor, continuando ciclicamente. A propósito das águas obscuras, o gestor Sandro pergunta aos participantes se sabem para onde vão as águas que eles mesmos, os estudantes, utilizam no seu cotidiano... Aliás, questiona se cada estudante sabe como chegaram até ele as águas que ele mesmo bebe. Os participantes “passam pelo riso”.

A água cinza, proveniente principalmente da cozinha, do banho e da lavagem de roupas, é destinada para tratamento com a técnica permacultural Círculo de Bananeiras. Diferente da BET, embora esta também tenha bananeiras, a técnica caracteriza-se por ser um espaço circular com plantas (culturas) de grande exigência hídrica, o que favorece a drenagem da água. Dessa maneira, as culturas plantadas consomem grande parte da água, passando a ser, em forma de vapor, água purificada para a atmosfera.

O sabão feito artesanalmente a partir do reuso de óleo de cozinha descartado; o tijolo feito de garrafas plásticas, com materiais descartados na cidade; a trilha interpretativa, onde se conhecem as diversas espécies de plantas do cerrado e como essa área foi reflorestada; a mágica do encontro de canais de água no subsolo utilizando uma forquilha de árvore; a oficina

de construção de parede com uma técnica de bioconstrução. Nesse momento, os participantes das oficinas são convidados a “colocar a mão na massa”. Colhem o barro, amassam com os pés, boleiam e constroem uma parede para chamarem de sua.

O permacultor Sr. Sandro disse que gostaria de mudar o mundo, mas não viu outra maneira senão começando com a mudança em sua própria vida. Assim, produziu uma estética outra de existência, que potencializa a vida dos sujeitos que por lá transitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionada pelo NEPBIO vai além da simples participação em oficinas; ela transforma a percepção dos sujeitos sobre sua relação com o meio ambiente e consigo mesmos. A viabilidade e a possibilidade de criar bioconstruções, como casas a baixo custo e com mínimo impacto ambiental, não apenas demonstra a eficácia dessas práticas, mas também inspira um novo paradigma de vida que valoriza o aproveitamento do que está ao nosso alcance e a conexão profunda com a natureza. A alimentação com vegetais e frutas orgânicas, cultivadas no próprio local de moradia, reforça a ideia de autossuficiência e sustentabilidade, desafiando os modos de vida dependentes do sistema capitalista.

As práticas mediadas (Tuan, 1980) entre o NEPBIO e as/os estudantes que participaram das oficinas revelam um processo de subjetivação que rompe com as normas impostas pelo projeto capitalístico de sociedade. Nesse contexto, o NEPBIO se afirma como um espaço onde a Educação Ambiental se manifesta por meio da Permacultura, promovendo uma reconfiguração do “cuidado de si”, do “conhecimento de si” e do “cuidado dos outros”, todos em sintonia com o ambiente que nos circunda. Trata-se de um movimento que vai além da educação formal, ao provocar mudanças significativas nas maneiras de ser e viver daqueles que se envolvem com essas práticas.

O NEPBIO funciona como um dispositivo complexo que não só medeia experiências de si, mas também catalisa a transformação dos sujeitos que por lá passam. Ao romper com os clichês estabelecidos, ele possibilita o surgimento de outras formas de existência, desnaturalizando as imagens pré-concebidas e promovendo novos modos de ser. A partir dessa perspectiva, o NEPBIO pode ser entendido como um espaço-tempo de resistência e transformação, onde práticas alternativas de Educação Ambiental são não apenas possíveis, mas necessárias para a construção de uma vida mais sustentável e consciente.

As experiências relatadas pelas/os estudantes do curso de Biologia da UNEMAT, intercessores desta pesquisa, mostram como essas práticas podem forçar uma reavaliação profunda das concepções tradicionais de subjetividade e existência. As oficinas no NEPBIO não apenas ensinam técnicas, mas desafiam os participantes a reconsiderar suas próprias vidas e o impacto de suas ações no mundo. Ao promover uma estética *outra* de existência, o NEPBIO contribui para a construção de uma sociedade que valoriza a sustentabilidade, a justiça social e o respeito ao ambiente.

Em última instância, o NEPBIO emerge como um exemplo vivo de como a Educação Ambiental pode ser reinventada para responder aos desafios contemporâneos, oferecendo não apenas uma crítica ao modelo capitalístico, mas também alternativas concretas que apontam para um futuro menos danoso ao meio ambiente. Este artigo, portanto, não só documenta essas práticas, mas também convida a uma reflexão crítica sobre os modos de vida que escolhemos adotar e as possibilidades de transformação que se abrem quando nos permitimos pensar e agir de maneira diferente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. G. **A aula: redes de práticas** – os processos cotidianos de ensinar e aprender. 2000. Tese (Titular em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

DELEUZE, G. **Mil Platôs I**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS, v. 1).

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 12. ed. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b. 302 p.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LARROSA, J. **Elogio da escola**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MALDONADO, M. M. C. **A ordem do discurso da educação ambiental**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MALDONADO, M. M. C. **Espaço pantaneiro**: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Curitiba: CRV, 2017. DOI: <http://doi.org/10.24824/978854441796.9>.

MOLLISON, B.; HOLMGREN, D. **Permacultura um**: uma agricultura permanente nas comunidades em geral. São Paulo: Ground, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1980.

Contribuições dos autores

MSZ: Pesquisador de mestrado. MMCM: Orientador da pesquisa.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Executivo para América Latina: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira